

**Paulo Marcelo Soares de Macedo\***



Diante desta questão, com o propósito de emitir um **ponto de vista**, início minha reflexão, lembrando que a expressão "*a teoria, na prática é outra*", trata-se de um provérbio de origem popular e, como tal, expressa uma interpretação, mesmo que sucinta, comum a determinado grupo social.

A partir desta colocação anuncia-se, ainda que timidamente, uma tendência a referendar o enunciado popular: tendência esta que iremos tentar argumentar e contrapor neste espaço que se segue.

Não querendo aqui desconsiderar o dito popular, julgo que o provérbio, evidentemente, remete-se a um entendimento de teoria como ação de contemplar, idealizar, racionalizar e produzir conhecimento através de atividade fundamentalmente intelectual. Este entendimento, de certa forma, assemelha-se ao sentido etimológico da palavra teoria, que derivada do grego "*theoria*"; significa observar, contemplar, refletir.

Nesta acepção, podemos facilmente antecipar que a prática irá contrapor-se ao conceito de teoria até então aqui

manifestado; pois, não raro, neste nível de argumentação, a prática é entendida como ação, ato ou efeito de praticar, fazer, realizar algo ou alguma tarefa.

Neste sentido, sem dúvidas, não só a teoria na prática é outra, como, também, percebe-se uma teoria impraticável e uma prática não teorizável. Esta contraposição de teoria e prática se manifesta através de uma teoria abstrata, contemplativa e inócua, visto que é esvaziada da prática; que, por sua vez, torna-se repetitiva e rotineira, caracterizando-se, assim, como um fazer pelo fazer. Frequentemente nesta concepção, o teórico assume um papel mais nobre, por ser aquele que detém o conhecimento e, portanto, *sabe*; enquanto que, por outro lado, o prático é visto como o executor braçal ou subalterno, que não possui os dotes advindos da luz da teoria e, por isso, *faz*.

Resguardadas as devidas proporções, verifica-se na vida profissional, como professor de Educação Física, situações que podem exemplificar as afirmações acima descritas. Num primeiro momento, podemos citar uma certa posição de rebaixamento em que é tratada a Educação Física, quando relacionada

\* Professor Assistente - IV - Departamento de Recreação e Prática Desportiva - CDS - UFSC

com outras matérias/disciplinas como: Português, Matemática, História, Geografia, etc; no âmbito do ensino escolar. Nestes casos, são comuns colocações do tipo: para passar de ano em Educação Física não é necessário estudar (atividade teórica); basta correr, saltar e arremessar de diferentes formas, utilizando diferentes implementos (atividade prática). Dentro deste contexto situa-se um estereótipo de professor de Educação Física, que é sempre expansivo, bem disposto, comunicativo e pouco dedicado à leituras, estudos e complicações. Ou seja, um indivíduo preparado para a prática, mas com muitas dificuldades na teoria.

No ensino superior, também, encontramos algumas situações semelhantes a estas do ensino escolar, no entanto, com características bem peculiares. Especificamente, nas universidades existe uma relação, entre a Educação Física e os demais cursos de graduação, sejam licenciaturas ou bacharelados, muito próxima ao existente no ensino escolar. Porém, o maior sentimento de discriminação reside no interior dos Centros de Educação Física, onde o "status" de um professor modifica-se de acordo com o nível de ensino em que o mesmo atua (graduação, especialização, mestrado, doutorado). Em alguns casos, até dentro da própria graduação, acontecem as diferenciações, na qual, professores considerados menos qualificados, atuam nas disciplinas chamadas práticas, e os professores reconhecidos como os mais qualificados ocupam-se das disciplinas ditas teóricas.

Estas observações refletem o quanto é presente na Educação em geral e na

Educação Física especificamente, a visão dicotomizada entre teoria e prática.

Negando esta visão dicotômica, instala-se uma versão que defende a união no relacionamento entre teoria e prática. Porém, esta união não deve ser compreendida como a dissolução de uma na outra, mas sim, como uma síntese com elementos próprios e de cada uma, portanto, superadora.

Justifica esta concepção, a constatação de que a prática é essencial à teoria, assim como a teoria é indispensável à prática. A teoria necessita da prática para intervir na realidade e, por sua vez, a prática necessita da teoria para prosseguir inovadora. A teoria tem compromisso com a elaboração conceitual, porém, esta construção só pode acontecer no terreno da prática. A teoria é constituída e remodelada quando na intervenção prática, e a prática é refeita e revista na teoria; ou, como diria o professor Pedro Demo: "nenhuma prática esgota a teoria, nenhuma teoria dá conta de todas as práticas" (1994, p. 28).

Retornando à questão inicial, que origina este "ponto de vista", concluímos que, também, nesta concepção "a teoria na prática é outra". Mas não é outra independente ou dissociada. É outra porque continuamente é ampliada, num movimento a caminho da superação. Teoria e prática, nesta perspectiva, constantemente modificam-se e complementam-se e, através da produção teórica e da intervenção prática, vinculam-se à construção do conhecimento articulado ao "para quem" e "para que", situando, assim, este conhecimento num determinado ponto do tempo e do espaço.

## Bibliografia

DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 1994.